

APRESENTAÇÃO

Entre os meses de outubro e novembro de 1983, Michel Foucault proferiu, em Berkeley, seis conferências, problematizando as relações do sujeito com a verdade, a partir do conceito grego de *parresía* (*παρρησία*). Essas conferências, como tantas outras que compunham uma série de cursos oferecidos pelo filósofo francês, foram gravadas, posteriormente, transcritas e organizadas em livros que colaboram de modo singular com pesquisas até os dias atuais. As conferências foram editadas pela Universidade de Berkeley em 1985 e foram traduzidas no Brasil, ganhando formato de artigos, no ano de 2013, organizadas e publicadas pela equipe da *Revista Prometheus*, sob a coordenação do prof. Dr. Aldo Dinucci da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

No ano de 2022, o Grupo de Pesquisa Labedisco/CNPq – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo, coordenado pelo prof. Dr. Nilton Milanez (UNEB/Campus I), teve acesso à tradução dessas conferências, o que despertou o interesse, a proposta de pesquisa e a investigação dessas aulas em formato de Seminário *on-line*, realizado no *Youtube*. Participaram pesquisadoras e pesquisadores de diversas universidades brasileiras, que apresentaram e discutiram temas específicos sobre a *parresía*, possibilitando momentos de profunda reflexão sobre a questão do livre falar em Foucault, considerando as tragédias de Eurípedes, elencadas por Michel Foucault em suas aulas. Como fruto desses diálogos nasce esta edição da *Prometheus*, na qual são apresentados os artigos resultantes daquelas discussões, coroando, de modo singular, um trabalho em equipe, que pretende colaborar com o fomento das pesquisas sobre o dizer verdadeiro nos estudos discursivos foucaultianos.

Todos os trabalhos aqui apresentados têm como fio condutor a problematização da noção cunhada pelos gregos *παρρησία*, cuja tradução para o português é *parresía*, o que significa a coragem de uma fala franca, ou seja, dizer a verdade em qualquer circunstância, independentemente das consequências, tendo como único objetivo estar alinhado com a verdade de si, pautada pela razão direcionada a uma ação que se estabelece por meio da sabedoria. É significativo mencionar que, embora a palavra grega *παρρησία* tenha sido traduzida para o português como *parresía* por Eduardo Brandão na primeira edição de *O Governo de Si e dos Outros* publicada no Brasil, Aldo Dinucci, por outro lado, tendo realizado a tradução das Conferências proferidas em Berkeley, faz uso do termo com a grafia *parrhesia*, por estabelecer uma aproximação com o termo original em grego. Sucede-se que nos estudos aqui reunidos encontraremos as três formas de grafia do termo sendo utilizadas pelas autoras e autores.

Sob a perspectiva foucaultiana, podemos encontrar ao longo da história características próprias que aproximam a ação parresiástica de um valor político e, principalmente, democrático, no qual e

pelo qual a noção de verdade, associada ao conceito ético-filosófico, tornam-se questões a serem vistas e revistas. A partir de uma subjetivação que impulsiona a verdade, apresenta-se um movimento que desafia o sujeito a se lançar continuamente para dentro e para fora de si, por meio de uma estética de si. Esse movimento faz emergir uma atitude crítica para além de suas pretensões enquanto sujeito de relações, inserido em um determinado tempo e espaço.

É importante, ainda, que se diga, no processo das atitudes parresiásticas, tudo sobre si e de modo autêntico, visando uma busca pelo conhecimento de si sem amarras, sem máscaras; e, principalmente, sem medo de assumir as responsabilidades de traduzir na própria vida a verdade fundamentada pelo *logos*, que tem como critério norteador o *ethos*, por meio do qual se garante um agir conforme a sabedoria e não conforme desejos e vaidades.

A liberdade que se impõe como resultado de uma ação corajosa em busca da verdade, ao mesmo tempo que se insinua transformadora, produz, também, tensão entre aquele que fala e aquele que escuta. Desdobrando-se sobre uma relação que desloca os interlocutores envolvidos para um diálogo, dá-se a ver o estabelecimento de um compromisso, passando por uma rede de verdades. Essa teia do discurso verdadeiro se refaz à medida que o jogo entre saber e poder é jogado de maneira persuasiva e nunca impositiva, rompendo com os limites, abrindo-se para *HORIZONTES DISCURSIVOS*, que trazem em forma de acontecimento a sabedoria. O compromisso com a verdade torna-se, portanto, a condição *sine qua non* para aqueles quem se aventuram nesse jogo, no qual os dois lados da mesma moeda, saber e poder, tornam-se as duas faces de uma única verdade em contínuo processo de transformação.

Neste sentido, a proposta deste trabalho é justamente esboçar as problematizações que nasceram das reflexões de conferencistas do *Seminário Foucault e a Parresía*, no *Youtube*, que trazem contribuições por meio de suas investigações, oferecendo um campo fértil para discussões teórico-filosófico-discursivas, propondo ao leitor pensar a parresía não apenas nos limites da história do pensamento, mas buscando encorajar os desafios de se assumir uma posição *parresíasta* em nossa atualidade.

A coragem de verdade, que atravessa tal questão primordial da vida humana, trata da constituição de si, ao se insinuar urgente a todo instante, na qual o outro torna-se tão importante quanto o próprio indivíduo, que busca se constituir enquanto sujeito de uma verdade subjetivada, a partir de suas relações consigo mesmo e com este outro.

Para tanto, abrimos a apresentação dos trabalhos com o artigo de Aldo Dinucci, que perfaz a problematização da *parresía* no seio do estoicismo, focalizando a questão da Ira como um caráter

imperfeito da humanidade, incluindo suas crenças, desdobrando-se, desta maneira, na convergência parresiástica a partir de Musônio Rufo. O autor situa, assim, um trajeto teórico-metodológico que viabiliza pensar o sujeito de um período específico da história do pensamento, absorvendo as nuances que colaboram para se pensar o sujeito da atualidade em meio aos desafios cotidianos diante de si mesmo e do outro.

Na sequência, Rafael Andrade Moreira traça uma reflexão a partir do pacto parresiástico na tragédia de Eurípedes, *As Bacantes*, discutida por Foucault na segunda conferência pronunciada em Berkeley. Essas reflexões apontam para a irrupção do ‘dizer verdadeiro’ perante as figuras políticas detentoras do poder, superando o medo de fazer da verdade um ato político pelo qual se vive e/ou se morre por meio de um testemunho. Deste modo, a parresía torna-se um posicionamento sobretudo político, cujo compromisso é exclusivamente com a verdade, mesmo que isso incomode os poderosos.

No artigo subsequente, Ana Lúcia Santos problematiza a noção de *parresía* no âmbito da tragédia *As Fenícias*, de Eurípedes. A autora descreve um paralelo tomando a *parresía* como prática de liberdade e aponta para a produção de uma história dos diferentes processos da composição da subjetividade humana. A autora concebe o pensar a *parresía* também como um ato de liberdade, sobretudo, destacando a condição na qual a coragem de dizer a verdade é o meio pelo qual se fazer livre torna-se o resultado das práticas parresiásticas.

Nessa esteira, Denise Witzel e Nathalia Camargo enveredam para o embate discursivo que pode ser observado na tragédia *Electra*, de Eurípedes. Para as autoras, tal embate discursivo ocasiona em uma subversão do contrato parresiástico no qual o desafio é se impor não enquanto detentora de uma verdade absoluta, mas guardiã e protetora de uma verdade transformadora. Desta visada, é feita uma retomada da história das mulheres da Grécia Antiga, a fim de compreender os atravessamentos que essas mulheres têm em relação à verdade que constitui suas próprias histórias, inseridas na história social da qual fazem parte.

Prosseguindo com a discussão, Carla Luiza Borges problematiza, a partir de *Orestes*, de Eurípedes, a relação da *parresía* com o Estado Democrático, traçando um paralelo com o Brasil da atualidade nos jogos de verdades que se constituem a partir de narrativas oriundas dos diversos meios sociais. A proposta da autora é, portanto, abordar o sujeito contemporâneo à luz da reflexão histórico-filosófica, sem perder de vista o compromisso transformador que têm o *parresiasta*, independente do tempo e do espaço social que ocupa na história da humanidade.

É, também, em paralelo com a história que se desenha no Brasil da atualidade que Beatriz Almeida empreende uma discussão sobre a *parresía*, através da tragédia de *Íon*, de Eurípedes. A autora

delineia a relação da *parresía* com o exercício da cidadania, além de propor uma diagnose do que pode ser compreendido como o *anti-parresíasta*. A autora propõe, assim, uma leitura que abre discussões em torno de uma ideia equivocada de verdade generalizada, porém vazia de sentido.

Discutindo em torno do conceito de *parresía* em Foucault, Vilmar Prata e Nilton Milanez apresentam uma problematização atrelada à relação mestre-discípulo no estoicismo. Os autores tomam o modo como Sêneca se relacionava com seus discípulos na constituição de uma verdade, associada ao cosmos como manifestação mais autêntica da sabedoria. A problematização dos autores se acerca do desafio parresiástico na relação entre mestre e discípulo, passando pela autenticidade de uma amizade que se estabelece a partir de um único interesse: viver conforme a natureza, o que significa viver conforme a verdade.

Considerando a discussão de Foucault sobre a presença da *parresía* no Laques de Platão, João Kogawa propõe um debate sobre o estado democrático brasileiro e o exercício da *parresía* à luz do estado democrático ateniense. O autor observa a conjuntura política brasileira atual e seus efeitos da eleição presidencial de 2022, atestando a possibilidade uma ruptura democrática, sobre um olhar ante empirista da análise do discurso sobre o sentido e a desconfiança de autores como Platão, Aristóteles e Aristófanes sobre o regime democrático.

Por fim, Neumar Michaliszyn apresenta uma discussão sobre a *parresía*, tomando por materialidade a peça *Escravagina*, de César Almeida. O autor propõe uma análise da *parresía* que se manifesta por meio do corpo transexual, que se denomina, ao considerar os trabalhos de Foucault, como um corpo *parresiástico* por excelência. Segue a empreitada sobre o corpo trans como coragem de verdade, materializada no desafio de se impor socialmente e exigir respeito, destacando o corpo do sujeito trans diante da exigência de lutas diárias e posicionamentos desafiadores.

Salvador, Bahia, março de 2023

Nilton Milanez
Vilmar Prata
Beatriz Almeida